

OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS NA PRODUÇÃO DE LEITURA DE UMA CRÔNICA POR UMA AGENTE-LEITORA UNIVERSITÁRIA

THE ENUNCIATIVE MECHANISMS IN THE PRODUCTION OF READING OF A CHRONICLE BY A UNIVERSITY READER-AGENT

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves¹
Sandra Patrícia Ataíde Ferreira²

Resumo: *Este trabalho tem como objetivo analisar uma situação de linguagem gerada pela produção de leitura de uma crônica por uma agente-leitora universitária. Para tanto, optou-se pela perspectiva teórica e epistemológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Ademais, este trabalho aborda como componente central a última camada do folhado textual por colaborar com a discursividade e a produção de sentidos na interação com o texto (BRONCKART, 2007). Em termos do posicionamento enunciativo, o ISD esclarece a regência das vozes, na visão bakhtiniana, como expressas no texto que corporificam diversas avaliações sobre determinados aspectos do conteúdo temático veiculados neste instrumento de mediação de linguagem verbal (VIGOTSKI, 2004; 2009; BAKHTIN, 1992/2003; GENETTE et al, 1986; GENETTE, 1979). Assumiu-se o enfoque de pesquisa qualitativa (GIL, 2009) e a produção dos dados consistiu em uma sessão de entrevista com uma estudante universitária do curso de Pedagogia de uma Universidade pública federal de Recife/PE, identificada ficticiamente por Sofia, que também já atuava como professora no momento da pesquisa. Como resultado, observou-se que Sofia produziu uma compreensão de leitura por meio de ações de linguagem interconectadas entre autor-texto-leitor, concepção esta que embasa uma posição de leitura ativa, colaborativa e crítico-reflexiva (MARCUSCHI, 2008; ORLANDI, 2006). Então, fica patente que ler não é apenas decodificar, uma vez que o ato de compreender o que se lê é uma atividade vinculada às práticas socioculturais, e o gênero de texto é um dos materiais semióticos que favorece a comunicação verbal entre os agentes de linguagem envolvidos numa situação comunicativa.*

Palavras-chave: *Produção de leitura; Mecanismos enunciativos; Gênero de texto.*

Abstract: *This paper aims to analyze a situation of language created by the production of reading of a chronicle by a university reader-agent. It was chosen a theoretical and epistemological perspective of the Socio-discursive Interactionism (SDI). Furthermore, this work addresses as a central component of the last layer of the text to collaborate with the discursivity and production of senses on the interaction with the text (BRONCKART, 2007). In terms of enunciative positioning, the SDI clarifies the regency of voices, in Bakhtinian view, as expressed in the text that embody various assessments about determinate aspects of the thematic content vehiculated in this instrument of verbal language mediation (VIGOTSKI, 2004; 2009; BAKHTIN, 1992/2003; GENETTE et al, 1986; GENETTE, 1979). Assuming the focus on the qualitative research (Gil, 2009) and the data production consisted in a session of interview with a student of the pedagogy course of a federal university from Recife/PE, identified fictitiously by Sofia, who acted as a teacher at the time of the research. As a result, it was observed that Sofia produced a reading comprehension through language actions between author, text and reader, this conception that bases an active, collaborative and critical-reflexive reading position (MARCUSCHI, 2008; ORLANDI, 2006). It becomes clear that reading is not just decoding, once that comprehending what is being read is an activity linked to sociocultural practices, and the genre of the text is one of the semiotic materials which favors the verbal communication between the agents of language involved in a communicative situation.*

Keywords: *Reading production; Enunciative Mechanisms; Text genre.*

¹ Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, PB. Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil, e-mail: francesfabiola@gmail.com

² Docente do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais da Universidade Federal de Pernambuco, PE. Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil, e-mail: tandaa@terra.com.br

1 Introdução

Este artigo traz a análise de uma situação de linguagem gerada pela produção de leitura de uma crônica por uma agente-leitora universitária. Para fazê-lo, optou-se pela perspectiva teórica e epistemológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) como subsídio metodológico e analítico, a partir da noção de folhado textual, preconizada por esta abordagem psicolinguística e transdisciplinar para o estudo das atividades sociais de linguagem via textos e discursos (BRONCKART, 2007).

Ressalta-se, aqui, que o material analisado é parte integrante de uma pesquisa de doutorado (GONÇALVES, 2015). Logo, se constitui como um recorte do conjunto de dados construídos e, como consequência desse contexto de produção, aborda como componente central a última camada do folhado textual - os mecanismos enunciativos - por contribuírem significativamente com “a manutenção da coerência pragmática (ou interação) do texto” (BRONCKART, 2007, p. 130). Em termos do posicionamento enunciativo, o ISD esclarece a regência das vozes, na visão bakhtiniana, como expressas no texto, que corporificam diversas avaliações sobre determinados aspectos do conteúdo temático veiculados neste instrumento de mediação de linguagem verbal interpsicológica (VIGOTSKI, 2004; 2009; BAKHTIN, 2003; GENETTE et al, 1986; GENETTE, 1979).

Com efeito, adiante, destacam-se as concepções de leitura e de leitor que sustentam este trabalho, bem como as noções de ação de linguagem, de gênero de texto/discurso, de folhado textual.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho se situa na abordagem qualitativa de pesquisa e adota a perspectiva analítica descendente, a qual tem sua gênese nas atividades sociais de linguagem e destas aos textos e seus componentes linguísticos, sendo apenas no quadro de tal procedimento que, eventualmente, se identificam determinadas regularidades independentes, operações atreladas ao contexto e particularidades dos paradigmas da língua natural utilizada, ou seja, regularidades do texto tomado como objeto linguístico abstrato. No entanto, vale destacar que uma análise pautada no movimento descendente funciona em mão dupla, pois tanto o agir geral determina o agir individual, como este último provoca mudanças no primeiro (GIL, 2009; BRONCKART, 2005; 2007).

Por último, faz-se a indicação de novas pesquisas no campo da recepção textual à luz do ISD, já que, como colocado pelos estudiosos desta perspectiva teórico-metodológica, ainda se configuram como escassas, quase inexistentes, em relação às pesquisas no campo da produção textual, sendo, portanto, notória a necessidade de expansão dos estudos que se

voltem para o primeiro campo aqui tratado (BRONCKART; MACHADO; MATENCIO, 2006).

2 Metodologia

A situação de linguagem aqui analisada deu-se por meio da leitura da crônica “Piscina”, de Fernando Sabino³, pela estudante Sofia (nome fictício), apresentada em uma folha de papel A4, disposta em 30 linhas e com extensão verbal composta por 301 palavras.

Em linhas gerais, a referida crônica retrata uma cena urbana da cidade do Rio de Janeiro em relação aos contrastes socioeconômicos evidenciados num episódio em que uma mulher humilde adentra em uma bela mansão, situada na Lagoa Rodrigo de Freitas, para pegar água da piscina, tal atitude levou o proprietário a vender o imóvel.

Ademais, para a seleção dessa crônica, considerou-se tanto a relevância do conteúdo temático, com uma predominância das diferenças sociais da sociedade brasileira contemporânea, como a sua interdisciplinaridade, por entender que esses elementos são promotores de proliferação de sentidos na situação de leitura.

Por fim, este estudo foi dimensionado, a partir do material existente no banco de dados do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagem, Letramento e Leitura (GEPELLL), o qual é vinculado ao diretório geral de pesquisa do CNPq. Trata-se, pois, de uma porção de dados que faz parte de um projeto de pesquisa maior (FERREIRA, 2010)⁴, que ainda não havia passado por um tratamento analítico na perspectiva teórico-metodológica do ISD.

Dessa maneira, a produção dos dados se constituiu em uma sessão de entrevista, com uma estudante universitária do curso de Pedagogia de uma universidade pública federal de Recife/PE, à época no sexto período e com 29 anos, identificada ficticiamente por Sofia.⁵ Ela também já atuava como professora no momento da pesquisa.

3 Fundamentação teórica

A leitura, aqui, é concebida como uma questão de condições, de modos de relações, de trabalho de produção de sentidos. No texto, encontra-se um leitor virtual, constituído no ato

³ SABINO, F. *A mulher do vizinho*. Rio de Janeiro. 1976.

⁴ FERREIRA, S. P. A. Constituição do professor-leitor: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários. Instituição de Fomento: FACEPE APQ-0375-7.07/08. Vigência do projeto: 2008-2010.

⁵ Esta pesquisa seguiu todas as exigências do Comitê de Ética de Pesquisa (Registro CEP/CCS/UFPE Nº 31408).

da escrita, aquele leitor imaginado pelo autor do texto e para quem ele se dirige. O leitor real, por sua vez, é aquele que interage efetivamente com o texto em sua materialidade e quem pode se opor ou apoiar as ideias do autor. Por isso, para se compreender o que se lê, são exigidos do leitor interação e trabalho (ORLANDI, 2006; MARCUSCHI, 2008).

Para Orlandi (2006), o processo de interação da leitura tem como fundamento a relação constitutiva entre leitor real e leitor virtual. Desse modo, é um jogo interacional que acontece numa relação de confronto, pois o leitor, nesta abordagem, não interage com o texto, mas com outros sujeitos (autor, leitor virtual, etc.). Dito isto, a autora destaca a historicidade como um dos componentes essenciais das condições de produção de sentido na leitura, não apenas a historicidade do texto, mas também da historicidade da própria ação de leitura.

Assim, o jogo interacional estabelecido entre o autor e o leitor favorece que estes se identifiquem como interlocutores e, conseqüentemente, desencadeia o processo de significação do texto. Orlandi (2006, p. 10) afirma que “[...] leitura e sentido se constituem simultaneamente, num mesmo processo [...] que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real”, sendo esta relação estabelecida entre os interlocutores na situação de leitura do texto.

Em conformidade com essa concepção de leitura, destacam-se que há, ainda, as noções de implícito e de intertextualidade como mais dois componentes das condições de produção de leitura. A noção de implícito aponta para o fato de que nem tudo que foi lido está dito. Aquilo que não está dito também produz significados, melhor dizendo, as relações de sentido estabelecem-se entre o que o texto diz e o que ele não diz, e entre o que ele diz e o que outros textos dizem. Estas relações de sentido estabelecidas entre um texto e outros constituem outra condição de produção de leitura: a intertextualidade.

Consoante com a concepção de leitura e de leitor aqui assumida, defende-se a noção de texto como uma proposta de sentido que se encontra aberta a várias alternativas de compreensão. Nesta visão, a coerência de um texto é uma perspectiva interpretativa do leitor e não se acha inscrita de forma completa e unívoca no texto. Então, esta noção de texto é compatível com a noção de gênero de texto quando se observa sua principal característica: a relação de estabilidade momentânea de sentido em função dos usos que se faz destas ferramentas comunicativas em contextos situados e circunscritos nas práticas socioculturais verbais.

3.1 Noções de ação de linguagem, de gênero de texto/discurso, de folhado textual

O termo *ação* é designado pelo ISD, à luz do pensamento vigotskiano, como a unidade de análise que mobiliza e coloca em interação as dimensões comportamentais e mentais das condutas humanas e, com isso, destaca a ação como objeto de estudo da psicologia, que deve ser interpretada cientificamente no conjunto de seus componentes mentais e comportamentais. Assim, a tese central do ISD é que a ação constitui o resultado da apropriação do ser humano das formas intrínsecas da atividade social mediada pela linguagem e, ao mesmo tempo, a ação é constituída pelos critérios de avaliação imputados às ações dos agentes envolvidos em situação de atividade de linguagem.

Destarte, tem-se que a atividade se configura no plano geral e coletivo, produzida nas práticas sociais de grupos humanos; enquanto a ação está no plano subjetivo, exercida por motivações e intenções particulares de um agente (sujeito). Diante destas duas noções, o ISD expõe que a atividade de linguagem é configurada como as produções verbais coletivas de grupos humanos social e historicamente situados, que são concretizadas em textos das mais diversas composições e finalidades comunicativas e que a ação de linguagem é imputável a um agente, materializada na entidade empírica denominada de texto singular.

Para Bronckart, Machado e Matencio (2006), os domínios da atividade são da ordem do sociológico, e da ação, da ordem do psicológico. Essa realização se dá na forma de textos, construídos, de um lado, mobilizando-se os recursos lexicais e sintáticos de uma determinada língua natural e, de outro, levando-se em conta modelos de organização textual disponíveis no âmbito dessa mesma língua. Por isso, os textos podem ser definidos como correspondentes empíricos/linguísticos das atividades de linguagem de um grupo de uma determinada atividade de linguagem. Sob esse ângulo, e de modo paradoxal, se um texto mobiliza unidades linguísticas e, eventualmente, outras unidades semióticas, ele não é, em si mesmo, uma unidade linguística, pois suas condições de abertura e de fechamento não dependem do linguístico, mas são inteiramente determinadas pela ação que o gerou. Essa é a razão pela qual Bronckart, Machado e Matencio (2006) ressaltam que o texto é uma unidade comunicativa verbal.

Adentrando ao pensamento de Bakhtin (1992/2003), este afirma que a enunciação reflete as condições particulares e os propósitos de cada esfera de comunicação composto pelo tripé: conteúdo temático; estilo de linguagem relacionado aos recursos lexicais e estrutura composicional. Esses elementos são indissociáveis e, ao mesmo tempo, ligados ao contexto comunicativo em uma dada esfera social. Cabe ainda destacar que, embora o enunciado seja

particular, por ser uma formulação subjetiva, apresenta uma relativa estabilidade, pois, para enunciar, é preciso se valer da língua, que, pela sua natureza objetiva, apresenta padrões de formulação e funcionamento verbal. Em linhas gerais, essa concepção bakhtiniana é denominada de gêneros do discurso. Portanto, como sintetizado por Koch (2006, p. 54), gênero do discurso pode ser concebido como “[...] entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto de participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor”.

Em acordo com a formulação de Bakhtin (1992/2003) acerca do gênero do discurso, Schneuwly (1994) ressalta que essa perspectiva configura os elementos centrais característicos de uma atividade humana: o sujeito, a ação e o instrumento. Para Schneuwly (1994), o gênero pode ser tomado como uma ferramenta, na medida em que um enunciador, melhor dizendo, um sujeito, age discursivamente numa ação de linguagem, por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico: o gênero.

Assim, Bronckart (2005; 2007) propõe um modelo mais hierárquico de texto denominado de folhado textual, que se configura em três estratos superpostos, a saber: a camada mais profunda, denominada de infraestrutura geral do texto; a camada intermediária, conhecida como mecanismos de textualização; e a camada mais superficial, chamada de mecanismos enunciativos. Esse modelo consiste, em primeira instância, na admissão de que as condições de abertura e de fechamento dos textos não dependem de regras linguísticas, mas das condições de realização do agir de linguagem semiotizado por eles, fato que se explica pela imensa variabilidade de sua extensão.

Em segunda instância, ressalta que a maior parte das formas de textualização é considerada, em termos de processos cognitivos, como a incidência sobre os parâmetros sociointerativos. Portanto, os referidos processos cognitivos, apesar de sua codificação linguística, dependem também dos parâmetros de recursos disponíveis na língua natural utilizada.

Nesse patamar, os textos são produtos da operacionalização de mecanismos estruturantes diversos, heterogêneos e, por vezes, facultativos. Qualquer produção de texto implica, necessariamente, escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística. Nessa perspectiva, os gêneros de textos são produto de configurações de escolhas entre as possibilidades de produções languageiras, que se encontram, momentaneamente, estabilizadas pelo uso. Tais escolhas dependem do trabalho que as formações sociais de linguagem

desenvolvem para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um ambiente comunicativo, eficazes diante de um desafio social.

Desse modo, explica-se a propriedade mutante dos gêneros, pois eles acompanham as mudanças da história das formações sociais de linguagem. Além disso, eles podem se desvincular totalmente do propósito que os originou, tornando-se autônomos, em função de poderem vir a expressar novas finalidades. Em geral, os novos gêneros, que vão surgindo nas formações sociais de linguagem, são frutos de processos posteriores de reprodução ou mascaramento de gêneros antigos. Por último, assim como as demais ações humanas, os gêneros são afetados por avaliações de diversas indexações: referencial, comunicacional, cultural, dentre outras.

Com isso, não se pode estabelecer relações diretas entre ação de linguagem e gêneros de textos. Se essas relações se realizarem, far-se-ão por meio de uma adesão não crítica das indexações sociais sincrônicas. Daí advém a explicação para a impossibilidade de classificação estável e definitiva dos gêneros. No entanto, mesmo que se tenha dificuldade para classificar os textos, o fato é que eles coexistem no ambiente da linguagem e se acumulam historicamente num subespaço dos mundos pré-construídos (HABERMAS, 1987), que é constituído pela arquiteculturalidade, concebida por Genette (1979) como uma organização de textos preexistentes; e da intertextualidade, que focaliza os inúmeros processos de interação entre textos, como no caso das citações e remissões. Disso decorre a capacidade de autorreflexividade ilimitada da linguagem humana, da qual esses fenômenos são uma das manifestações empíricas.

4 Análise

A coerência pragmática se constitui pelo enlace entre o coral das vozes enunciativas, que são as entidades que se responsabilizam pelo que é enunciado, e as expressões de modalizações que, no contexto desta pesquisa, são as avaliações realizadas pela agente-leitora a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático do texto base, ou seja, a crônica lida na situação de leitura. Conforme o ISD, existem três categorias gerais de vozes secundárias: (1) vozes de personagens que estão diretamente implicadas no percurso temático; (2) vozes sociais exteriores ao conteúdo temático do texto; e (3) voz do autor empírico.

Após a leitura da crônica, para que a significação da agente-leitora emergisse, a pesquisadora de iniciação científica enunciou a pergunta “o que você significou do texto?” A pesquisadora de iniciação científica representa o mundo científico, corporificado num projeto

de pesquisa, idealizado e coordenado por uma professora universitária, que, por sua vez, almeja uma resposta. Assim, é de responsabilidade da agente-leitora universitária, por se encontrar nas posições sociais de aluna de graduação do curso de Pedagogia e voluntária da pesquisa, responder à pesquisadora por meio da significação da leitura da crônica para fins científicos, já que o propósito da atividade fora explicitado no momento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE).

Dessa maneira, a formulação daquela resposta guia a significação da agente-leitora sob as seguintes ações de linguagem: (i) a leitura que a agente-leitora realizou do texto base; (ii) sua responsabilidade responsiva por conta da representação de aluna universitária e voluntária de pesquisa assumidas no instante da leitura; (iii) o compromisso firmado com a participação voluntária no projeto de pesquisa; e (iv) o atendimento à expectativa da pesquisadora de iniciação de pesquisa evocado pelo questionamento “O que você significou do texto?”. Identificaram-se, portanto, 2 vozes explícitas e 3 vozes implícitas.

Quadro 1 - Gestão das vozes na Significação da Crônica por Sofia

Gestão de Vozes	
<u>Explícitas</u>	<u>Implícitas</u>
Coordenadora da pesquisa (autor empírico) “O que você significou do texto?”	Instância social formal (universidade)
Sofia (autor empírico): “ <i>Eu gosto muito de Sabino porque ele brinca com a realidade não é? Ele retrata [...] de forma poética, né? Não o poético fantasioso não, mas [...] é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? Embora eu achei graça com o tema, aqui aquele contraste de status, não é status não.</i> ”	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, realidade socioeconômica do país, família, amigos): “ <i>Imposição socioeconômica.</i> ”
	Instância científica (Análise da conjuntura social do conteúdo temático veiculado na Crônica): “ <i>É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu e muitas vezes, né? E muitas vezes não [...] é o que a gente presencia hoje, e muitas vezes a gente faz isso também, a gente olha e diz: meu Deus! Sacanagem, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa sai! [...], porque não propõe pra prefeitura que faça alguma coisa [...]</i> ”
	Personagem da Crônica: “[...] <i>Ela achou bem mais prático ir bulir com a torneira, sei</i>

	<p><i>lá onde <u>ela</u> tava pegando água [...] e <u>ela</u> mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, [...] <u>ela</u> nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém [...] <u>ela</u> ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e <u>ela</u> querendo só uma lata, que <u>ela</u> foi como se hipnotizada, né? Em direção à piscina [...]</i></p>
--	--

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 88).

A voz da coordenadora do projeto de pesquisa se materializa pela intenção de obter resposta acerca dos sentidos produzidos a partir da leitura da crônica, que aborda a temática das diferenças socioeconômicas presentes na sociedade brasileira. Dessa maneira, a pergunta mobilizou a agente-leitora para proceder à leitura desse gênero de texto, conforme o acordo que fora firmado por ela para participação voluntária na pesquisa. A voz da coordenadora da pesquisa corresponde, possivelmente, à voz implícita da instância formal (universidade) para averiguar o potencial de significação dos agentes-leitores que se propuseram a colaborar com essa atividade científica.

A voz de Sofia constrói uma imagem, a partir das intenções da coordenadora da pesquisa. É uma voz que procura responder ao questionamento, compreender o texto base, no caso, a crônica, enfim, correspondê-la quanto aos propósitos da pesquisa. Sofia, então, orienta-se pela voz explícita da coordenadora e as vozes implícitas já mencionadas no Quadro 4, integralizando todas elas no seu processo de significação. Posiciona-se, inicialmente, sobre sua recepção afetiva na leitura da Crônica, demonstrando prazer e aceitação. Quando afirma que “*Ele retrata [...] de forma poética, né?*” sobre a temática retratada no texto base, Sofia deixa marcas de interação verbal, evidenciando uma compreensão responsável pelo seu agir sociodiscursivo de leitora ativa.

No enunciado em destaque “[...] *é uma realidade dura isso aqui que a gente leu, né?*”, observa-se uma integralização de vozes implícitas na voz do autor empírico (Sofia) pela representação de realidade social. O verbo *ser*, em terceira pessoa do singular (*é*), marca a presença implícita de outras vozes de entidades sociais, que estão imbricadas na significação de Sofia, o qual na sequência desse enunciado é identificado com a locução pronominal (*a gente*), tendo a mesma função semântica do pronome pessoal *nós*, ou seja, indica também *as pessoas em geral*.

Observou-se, ainda, que o verbo *ser* refere-se à leitura/à imagem evocada pela leitura, podendo se relacionar à voz da crônica. Porém, a voz social parece que está mais marcada e presente quando ela afirma que a realidade trazida pela leitura da crônica é um fato carregado

de “dureza”, compartilhada, chamando a voz da sua interlocutora direta quando busca uma concordância ou não, em “[...] *a gente; né?* [...]”. Portanto, se configurando como uma imbricação de vozes do autor, da sociedade que compartilha aquela realidade, a de Sofia e a do seu interlocutor imediato da sessão de significação da leitura do gênero de texto lido que foi a pesquisadora de iniciação científica.

Dessa maneira, possivelmente, a integralização das vozes realizada por Sofia deu-se por meio dos parâmetros físicos envolvidos na situação comunicativa, representada pelas instâncias discursivas mais próximas dela no momento da produção, no caso, a instância científica e os parâmetros sociosubjetivos construídos por ela no seu contexto de vida, que se constituem nas interações e experiências verbais com outras instâncias sociais com as quais conviveu ou convivia na ocasião da pesquisa, com relação à realidade socioeconômica do país, da família, dos amigos, dentre outros.

A voz do preconceito social também é identificada em momentos distintos da progressão temática, localizada no início (1) e no final (2) dessa significação de modo mais marcado, (1) “[...] *aqui é aquele contraste de status* [...]” e (2) “[...] *o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu* [...]”, evidenciando as posturas que as pessoas assumem em relação às consequências provocadas pelo fenômeno da desigualdade social. Essa voz social guia a agente-leitora em seu processo de significação, a partir da leitura do texto base, propiciando a formação de outra representação: um problema social que gera atitudes preconceituosas em pessoas favorecidas economicamente. A agente-leitora ancorada na voz do produtor da crônica identifica as atitudes preconceituosas dessas pessoas no cotidiano: (2) “[...] *o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava, então, ele saiu* [...]”.

A crônica, como personagem, interpela a significação de Sofia, como portadora da voz do preconceito social, assumindo uma dada circunstância: “[...] *é uma realidade dura isso aqui que a gente leu, né?* [...]”, que, em termos da avaliação ou posicionamento da significação de Sofia, é regida pelo critério de legitimidade social na formulação do julgamento que ela enunciou na passagem destacada logo acima. Com isso, é possível identificar as avaliações produzidas pela agente-leitora, na categoria de modalização deôntica, as quais implicam a formulação de julgamento constituído do mundo social, quando enuncia a situação retratada no texto base com a utilização de expressões do tipo: “[...] *é uma realidade dura* [...]”; “[...] *subculturas* [...]”; “[...] *desigualdade social* [...]”; encontradas ao longo da progressão do conteúdo temático presente na significação de Sofia.

A modalização deôntica é apresentada no decorrer da significação de Sofia, pela enunciação de opiniões críticas sobre o texto base, em termos das diferenças de classe social brasileira. A opinião de Sofia em relação à leitura é realizada por meio da adjetivação e pelo uso verbo *ser* (“[...] *é realidade dura* [...]”), como afirmador de condição ou estado. Constrói, portanto, uma opinião regulada pelo critério de legitimidade social, como uma prática corrente na cultura humana a questão da desigualdade social (“[...] *subculturas* [...]”; “[...] *desigualdade social* [...]”).

Identificou-se, ainda, modalização na categoria apreciativa por construir uma imagem positiva e afetiva procedente do mundo subjetivo em valor de veracidade construída, a partir das experiências vividas pela agente-leitora em sentido amplo, demonstrando conhecer outros textos do autor da crônica lida, e, em sentido estrito, por expressar o sentimento de satisfação sobre o texto lido. A apreciação de Sofia é identificada por meio do verbo *gostar* no presente do indicativo, seguido do advérbio de intensidade *muito*. Os usos do verbo *brincar* no presente do indicativo e da adjetivação *poética* constituem outros elementos linguísticos que semiotizam a modalização apreciativa na significação da crônica pela agente-leitora, identificados na passagem que se segue: (“*Eu gosto muito de Sabino, porque ele brinca com a realidade, não é? Ele retrata [...] de forma poética, né? Não o poético fantasioso não...*”).

A modalização na categoria lógica transita na imagem construída pela leitora de concordância com relação ao conteúdo temático identificado pela leitura do texto base. Introduce o julgamento, a partir das condições de verdade relacionadas aos fatos atestados de modo informal (compreensão do fenômeno do preconceito social anterior à leitura da crônica) e formal (significação do fenômeno do preconceito social posterior à leitura da crônica). A concordância refere-se à significação sobre o lugar do preconceito social, por meio da confirmação de que a crônica retrata a desigualdade social entre os grupos socioeconomicamente antagônicos que convivem em uma sociedade organizada por classes sociais. Essas modalizações lógicas são identificadas pelo julgamento de valor de verdade sob a orientação do mundo objetivo com vistas ao posicionamento de verificação entre o certo e errado.

Sofia: ... **essa** questão de culturas, subculturas, né? Que convivem tão próximas e que ao mesmo tá tão distante, tão desligado ... que hoje é uma coisa que a gente **presencia muito**, a gente sabe da desigualdade social, **às vezes** incomoda a desigualdade social, mas a gente não faz nada!

Os modalizadores destacados tratam o valor conceitual em verdadeiro e falso. Quando a agente-leitora usa o pronome demonstrativo *essa* para realizar o julgamento em que afirma que, na verdade, as subculturas convivem em uma sociedade organizada por classes distintas, posiciona-se, novamente, afirmando que o julgamento de que, na verdade, essa questão encontra-se presente no cotidiano e, para isso, usa o verbo *presencia* e o advérbio de intensidade *muito*. Posiciona um agir linguageiro ordinário do mundo objetivo mais formal e finaliza o seu agir linguageiro, nessa passagem, com o posicionamento de que os fatos atestados são verdadeiros, porém, não têm perspectiva de mudança dessa situação social, o que fica marcado pela expressão “*a gente não faz nada!*”.

Nessa significação da crônica, está presente o movimento dialético do discurso reportado na representação das formações sociais que determinam o trabalho da agente-leitora. Assim, observou-se um deslocamento na direção de um agir linguageiro de adaptação ao discurso de seus interlocutores e em direção à adoção do discurso da crônica e de outros anteriores à leitura do texto base. A adaptação é o ato criativo, que o agente-leitor realiza, formulando um discurso como seu no processo de significação (BRONCKART, 2005).

A adaptação é reconhecida como um agir responsivo ao questionamento “O que você significou do texto?”, enunciado pela pesquisadora de iniciação científica na situação comunicativa imediata, que, por sua vez, foi formulado pela coordenadora de pesquisa em uma situação mediata. Essa construção da resposta atende aos determinantes sócio históricos que regulam o agir linguageiro da agente-leitora na situação de linguagem, que, no caso, se constituem pelos papéis sociais dos interlocutores (a pesquisadora de iniciação científica, a professora coordenadora do projeto e o autor da crônica) e pelo contexto formal de situação comunicativa para fins de pesquisa científica.

Nessa situação comunicativa, a agente-leitora assume um posicionamento responsivo (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2010) do que seja esperado de sua resposta, não apenas do que sentiu com a leitura realizada, mas também do que significou sobre o conteúdo temático veiculado no texto base. No seu lugar social de aluna universitária e participante voluntária de pesquisa, é possível percebê-la imputada de responsabilidade, com deveres frente à pesquisadora de iniciação científica e à professora coordenadora do projeto de pesquisa e seus outros interlocutores sociais (família, amigos, vizinhança, religião, etc.), configurando a significação da crônica com o diálogo do que foi significado por ela.

Sofia: É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu [...] é o que a gente presencia hoje **e, muitas vezes, a gente faz isso também, a**

gente olha e diz: meu Deus! **Sacanagem**, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa, sai!

A adaptação é identificada, na passagem apresentada logo acima, pela locução adverbial (“[...] **muitas vezes** [...]”) com a intenção de destacar que, no mundo vivido, ou seja, no cotidiano da vida social, também apresentamos posturas preconceituosas representadas pelo pronome demonstrativo (“[...] **isso** [...]”), e ainda sobre a adaptação que realizou em seu agir linguageiro, a agente-leitora se utiliza de uma expressão que denota a falta de atitude ética presente nas atitudes de preconceito social (“[...] **Sacanagem** [...]”), evidenciando o seu potencial criativo na significação que realizou a partir da leitura da crônica.

Na posição de aluna universitária e voluntária da pesquisa, sob a perspectiva de ser avaliada, apresenta ter sido capaz de significar o conteúdo temático mediado por uma instância social formal como a universidade: o preconceito social, cuja crônica é porta voz, provoca os efeitos discursivos adaptativos formulados pela agente-leitora acerca da construção da sua significação produzida pela leitura do texto, melhor dizendo, o gênero de texto também corrobora para que o processo criativo de significação de leitura seja materializado pela agente-leitora (BRONCKART, 2005; ORLANDI, 2006).

Ao mesmo tempo, a adoção do discurso da crônica é identificada no seu próprio discurso de leitura, evidenciando seu entendimento sobre: (1) o lugar do preconceito social; (2) a cena em que se passa o acontecimento; e (3) as atitudes preconceituosas e suas manifestações. O quadro a seguir apresenta a significação por adoção de Sofia apoiada no que foi dito na crônica.

Quadro 2 - Adoção do discurso da Crônica na Significação de Sofia

Sofia	Crônica
(1) “[...] <i>é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? Embora eu achei graça com o tema, aqui é aquele contraste de status</i> ”.	(1) “ <i>Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.</i> ”
(2) “[...] <i>Ela achou bem mais prático ir bulir com a torneira, sei lá onde ela tava</i>	(2) “ <i>De súbito, pareceu à dona da casa a estranha criatura se esgueirava, portão</i>

<p><i>pegando água, ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, e ela [...] engraçado pelo que você lê aqui [...] ela nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém, que alguém podia [...] soltar os cachorros em cima dela ou aparecer algum segurança, ela ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e ela querendo só uma lata, que ela foi como se hipnotizada, né? Em direção à piscina [...]</i>”</p>	<p><i>adentro, sem tirar dela os olhos. Ergue-se um pouco apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente; já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça e em pouco tempo sumia-se pelo portão.”</i></p>
<p>(3) <i>“É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu [...]</i>”</p>	<p>(3) <i>“Lá no terraço, o marido, fascinado, assistiu a toda cena. Não durou mais de um ou dois minutos [...] Não teve dúvidas: na semana seguinte vendeu a casa.”</i></p>

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 93)

Ao finalizar as análises relacionadas à significação da crônica por Sofia, identificou-se que esta produção de leitura constituiu-se por meio de réplicas, oriundas tanto da interação direta na situação comunicativa que estabeleceu com a pesquisadora de iniciação científica, visualizadas pelas repostas diretas aos questionamentos de Sofia em relação ao conteúdo temático, como na interação indireta com os outros interlocutores ausentes fisicamente na situação comunicativa, embora presentes discursivamente, sendo representados pelo autor e pelos personagens do gênero de texto lido, e a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa, conduzindo essa agente-leitora a produzir respostas em função das interações que realizou sobre o texto.

Dessa maneira, foram observadas réplicas construídas de forma direta em relação à significação da crônica, mobilizadas por meio das respostas formuladas pela pesquisadora de iniciação científica, dialogando com o posicionamento de Sofia quanto à leitura do texto, em trocas responsivas. De início, observou-se uma réplica (R1) com efeito de resposta, formulada pela pesquisadora de iniciação científica que confirma, mesmo que com tom de incerteza (R1 - “**Não sei, mas eu acho que é**”), a pergunta realizada por Sofia em relação ao local onde se passa a cena.

Com a progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, observou-se a formulação de uma nova réplica (R2 - “**Imposição socioeconômica**”) por parte da pesquisadora de iniciação científica, que funcionou como acabamento do posicionamento enunciativo da agente-leitora acerca do seu entendimento sobre a leitura realizada.

Seguindo com a identificação de réplicas na interação verbal construída entre Sofia e a pesquisadora de iniciação científica, foram observadas mais quatro réplicas (R3, R4, R5 e R6) produzidas pela pesquisadora de iniciação científica em relação às significações realizadas por Sofia, todas elas funcionando como confirmação da enunciação realizada pela agente-leitora. (R3 - “É”; R4 - “**Hum, hum**”; R5 - “**Se amedronta, né?**”, R6 - “**Hum, hum**” e R7 - “**É verdade.**”).

Com as réplicas identificadas, constatou-se o movimento de interação verbal entre estas duas interlocutoras, diretamente envolvida na situação comunicativa em destaque com posicionamento responsivo de concordância entre a agente-leitora e toda sua significação sobre a crônica e a pesquisadora de iniciação científica que estava registrando e acompanhando o raciocínio produzido pela agente-leitora após a leitura da crônica.

Por outro lado, observaram-se réplicas produzidas por Sofia, na forma indireta, por meio da interlocução que manteve com o autor e com as personagens da crônica e com a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa, no qual essa agente-leitora é participante voluntária. As réplicas, nesse caso, funcionam como posicionamento responsivo às instâncias sociais formais que condicionam a produção de sentidos realizada pela agente-leitora. No caso da professora coordenadora da pesquisa, esta dirige uma pergunta a Sofia “O que você significou do texto?”, com a intenção de saber a compreensão de leitura que a agente-leitora produz acerca do gênero de texto que leu, revelando a constituição sócio histórica de Sofia em relação às práticas de leitura que vivenciou desde a infância até o momento da pesquisa, sendo, portanto, uma instância formal vinculada ao mundo do conhecimento científico.

Já sobre os outros interlocutores indiretos, presentes no desenvolvimento da significação de Sofia sobre a crônica, identificou-se a produção de réplicas para atender às motivações e intenções tanto do autor desse gênero de texto como dos personagens envolvidos na cena literária retratada pelo autor, os quais representam a instância social das distorções socioeconômicas presentes na sociedade brasileira, cuja organização se constitui pela divisão de grupos por classe social.

5 Conclusão

Assim, considerou-se que Sofia produziu uma compreensão de leitura por meio de ações de linguagem interconectadas entre autor-texto-leitor, concepção esta que embasa uma posição de leitura ativa, colaborativa e crítico-reflexiva. Neste caso, fica patente que ler não é apenas decodificar, mas, vai além da apreensão do sistema linguístico, uma vez que o ato de compreender o que se lê é uma atividade vinculada às práticas socioculturais, e o gênero de texto é um dos materiais semióticos que favorece a comunicação verbal entre os agentes de linguagem envolvidos na situação comunicativa. Reforça-se que a recepção de gênero textual, na perspectiva de compreensão de leitura assumida nesta pesquisa, é um trabalho interlocutivo e colaborativo, produzido na relação entre leitor-texto-autor (MARCUSCHI, 2008; ORLANDI, 2006).

Face ao exposto, chegou-se à conclusão de que a situação de comunicação verbal, instaurada na sessão de leitura analisada, influenciou na configuração do agir languageiro de Sofia em relação à significação que produziu do gênero de texto lido. Será que se fossem outros interlocutores, outro gênero de texto e outros conteúdos temáticos, a significação de Sofia teria tomado os mesmos rumos identificados e discutidos aqui?

Ao antecipar repostas possíveis à pergunta formulada, a partir das discussões dos resultados, apontar-se-ão as limitações identificadas no transcorrer da pesquisa, sendo, portanto, configuradas como sugestões para as próximas investigações no plano da recepção textual.

Então, sugere-se a realização de estudo no plano da recepção textual com alunos universitários pertencentes a cursos de licenciatura de outras áreas de conhecimento, a exemplo, das ciências naturais e exatas, utilizando-se gêneros de texto com conteúdos temáticos distintos desse utilizado nesta pesquisa, porém, com temas adequados à prática de leitura dos agentes-leitores a serem investigados.

A proposição de pesquisa aqui sugerida é guiada pela relação contínua entre pensamento e linguagem em situações de comunicação verbal materializada no âmbito das práticas de leitura, uma vez que a universidade brasileira possui dupla função: a profissional e a científica, condição esta que favorece o desenvolvimento humano.

Sendo a formação do professor um processo de ensino-aprendizagem que acontece no espaço universitário, é de suma importância que se proliferem estudos nesse segmento educacional, já que em última instância, todo professor trabalha com a leitura com vistas a tornar acessível novas aprendizagens aos seus estudantes. Pensada dessa forma, a leitura

funciona como um dos instrumentos de mediação na construção do conhecimento e na apropriação de novas condutas sociointeracionistas.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra: prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992/2003.

BAKHTIN, M. M / VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 14. ed. Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929/2010.

BARBOSA, A. A. de A **O agir na produção de sentidos no processo de interpretação em diário de leitura/blog por estudantes universitários**. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2014.

BRONCKART, J-P. Restrições e liberdade textuais, inserção social e cidadania. **Rev. ANPOLL**, n. 19, p. 231-256, jul./dez. 2005.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007.

BRONCKART, J-P; MACHADO, A. M.; MATENCIO, M. de L. (Org.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Ana Maria Machado e Maria de Lourdes Mantencio et al. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

FERREIRA, S. P. A. Constituição do professor-leitor: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários. Instituição de Fomento: FACEPE APQ-0375-7.07/08. **Relatório**. 2010.

GENETTE, G. et al. **Theórie des genres**. Paris: Seuil, 1986.

GENETTE, G. **Introduction à l'architexte**. Paris: Seuil, 1979.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, F. M. da S. **Significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária**, 2015, 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

HABERMAS, J. **Theórie de l'agir communicationnel**. Paris: Fayard, 1987.

KOCH. I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considerations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTER, y. (ed.) **Actes du colloque de L'Université Charles de Gaulle III, Le Interactions Lecture-écriture**. Neuchâtel: Peter Lang, 1994, p. 155 - 173.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2009.

_____. **Teoria e método em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Data de recebimento: 27 de janeiro de 2018.

Data de aceite: 1 de junho de 2018.